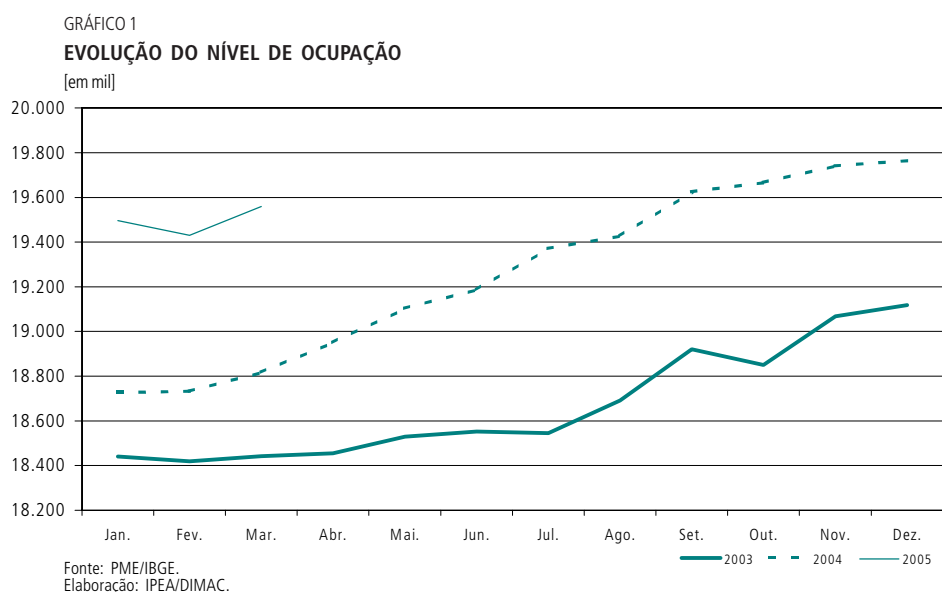


ANÁLISE DO MERCADO DE TRABALHO

O mercado de trabalho evoluiu de maneira bastante promissora nos primeiros três meses de 2005. Segundo a PME/IBGE, apesar de ter registrado leve aumento da taxa de desemprego e queda no nível de ocupação — movimentos típicos de início de ano — houve maior crescimento de vagas formais e elevação nos rendimentos médios reais.

Em relação ao nível de ocupação, os dados de março surpreenderam positivamente, após o decréscimo havido nos dois primeiros meses deste ano (–334 mil ocupações), com uma criação de quase 130 mil novas oportunidades de trabalho (cerca de 53% superior ao aumento de 85 mil postos registrado no mesmo mês de 2004). Esse foi o melhor resultado alcançado para o mês de março desde o início da nova metodologia da PME.¹ Com esse desempenho, o resultado médio do primeiro trimestre teve uma variação de 3,9%, comparando-se com o mesmo período do ano anterior, sendo que o crescimento de 4% em março, ante março de 2004, denota uma ligeira aceleração na evolução da ocupação.



Em termos regionais, a PME acusou padrões similares de comportamento na evolução da ocupação entre as seis regiões metropolitanas² no primeiro trimestre de 2005: recuo sazonal, em relação ao trimestre anterior, e crescimento expressivo quando a comparação é com o mesmo trimestre de 2004.

Nesse sentido vale notar a superioridade, este ano, do desempenho da variação anual da ocupação no primeiro trimestre, ante os resultados de 2004 em todas as regiões, com exceção de Belo Horizonte, onde o aumento acumulado deste ano (2,9%) está um pouco abaixo daquele ocorrido no ano passado (3,5%).

1. A nova metodologia da PME disponibiliza dados desde março de 2002.

2. As regiões pesquisadas pelo IBGE são: Salvador, Recife, Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte e Porto Alegre.

TABELA 1
VARIAÇÃO DO NÍVEL DE OCUPAÇÃO POR REGIÃO METROPOLITANA
 [em %]

Trimestres	Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Belo Horizonte		Recife		Salvador		Total	
	Período Anterior	Período Ano	Período Anterior	Período Ano	Período Anterior	Período Ano	Período Anterior	Período Ano	Período Anterior	Período anterior	Período Anterior	Período Ano	Período Anterior	Período Ano
		Anterior		Anterior		Anterior		Anterior		anterior		Anterior		Anterior
1º Trim./2004	-0,6	0,7	-1,4	2,8	-2,3	0,9	-1,5	3,5	-2,4	-1,3	-1,5	0,9	-1,3	1,8
2º Trim./2004	1,8	1,7	1,8	4,4	1,3	1,7	2,5	4,0	1,5	1,9	0,7	1,6	1,7	3,1
3º Trim./2004	2,1	3,2	1,8	4,6	1,6	3,0	2,9	5,9	0,8	0,3	4,3	5,9	2,1	4,0
4º Trim./2004	-0,6	2,7	2,1	4,3	2,3	2,9	0,7	4,7	2,0	1,8	2,4	5,9	1,3	3,7
1º Trim./2005	-0,3	3,0	-0,6	5,0	-2,6	2,5	-3,1	2,9	-2,6	1,5	-1,3	6,1	-1,2	3,9

Fonte: PME/IBGE.
 Elaboração: IPEA/DIMAC.

A região de Salvador foi a que registrou a maior variação trimestral na ocupação (6,1%), comparado ao mesmo período do ano anterior, sendo também a maior alta percentual para todos os períodos descritos anteriormente. São Paulo também apontou crescimento expressivo, de 5%, do número de novas ocupações. Do lado oposto, Recife foi a região que apresentou a menor taxa anual de crescimento no trimestre — 1,5%.

Na desagregação da ocupação por setor de atividade, o comércio registrou crescimento de 0,7%, quando se compara com o trimestre imediatamente anterior, e alta de 2,1% diante do mesmo trimestre de 2004, caracterizando evolução positiva atípica de início de ano, que normalmente denota perda sazonal de postos de trabalho.

A indústria de transformação também merece atenção especial, pois apesar de ter recuado o seu nível de ocupação em 1,4% ante o trimestre anterior, registrou crescimento expressivo de 5,5% na comparação com o mesmo trimestre de 2004.

O fato de praticamente todos os setores de atividade terem mostrado variação positiva da ocupação neste primeiro trimestre, quando comparado ao mesmo período do ano passado, é ilustrativo do grau de consistência do desempenho do mercado de trabalho neste início de 2005 — um padrão de crescimento nitidamente superior ao verificado no início de 2004.

TABELA 2
VARIAÇÃO NA OCUPAÇÃO POR SETOR DE ATIVIDADE
 [em %]

Período	Indústria		Construção Civil		Comércio		Serviços a Empresas		Administração Pública		Serviços Domésticos	
	Período Anterior	Período Ano	Período Anterior	Período Ano	Período Anterior	Período Ano	Período Anterior	Período Ano	Período Anterior	Período Ano	Período Anterior	Período Ano
		Anterior		Anterior		Anterior		Anterior		Anterior		Anterior
1º Trim./2004	-1,4	1,2	3,3	0,9	-1,0	0,7	-2,1	3,6	-2,9	1,5	0,5	4,5
2º Trim./2004	3,0	2,5	-4,5	-3,1	0,3	3,3	4,2	4,8	3,6	4,2	3,7	3,8
3º Trim./2004	2,9	5,6	-1,0	-2,9	0,1	2,8	2,6	5,4	1,9	4,6	3,8	8,0
4º Trim./2004	1,0	5,5	7,6	5,1	1,0	0,4	2,1	6,8	-3,1	-0,6	2,6	11,1
1º Trim./2005	-1,4	5,5	-2,3	-0,6	0,7	2,1	-1,3	7,7	0,4	2,7	-1,4	9,0

Fonte: PME/IBGE.
 Elaboração: IPEA/DIMAC.

O setor de serviços prestados às empresas mostra características ainda mais marcantes de aquecimento, com aceleração de seu crescimento anual já por cinco trimestres consecutivos, alcançando 7,7% no primeiro trimestre deste ano, na comparação com o mesmo trimestre do ano anterior. Contudo, serviços domésticos foi o setor que mais cresceu nesse período — 9%.

Na ponta oposta, construção civil foi responsável por uma extinção líquida de empregos, apresentando uma variação negativa de 2,3% e 0,6%, nas comparações do primeiro trimestre deste ano com o trimestre anterior e com o mesmo período de 2004, respectivamente.

Em relação à desagregação das ocupações por tipo de vínculo empregatício, houve, neste início de 2005, uma melhora na qualidade do conjunto, em razão de um aumento das ocupações com carteira superior ao crescimento do número de trabalhadores sem carteira.

Considerando os três primeiros meses de 2005, só houve criação de vagas formais (132 mil), em paralelo a uma expressiva redução de todos os postos de trabalhos desprotegidos. Da perda dos 342 mil empregos informais no período, 76% foram ocupações sem carteira (-258 mil) e 24% por conta própria (-84 mil). Em março, na comparação em 12 meses, o crescimento de vagas com carteira assinada foi de 6,3% (a quinta aceleração consecutiva), enquanto o crescimento de vagas sem carteira recuou, pela segunda vez seguida, para 4,9%.

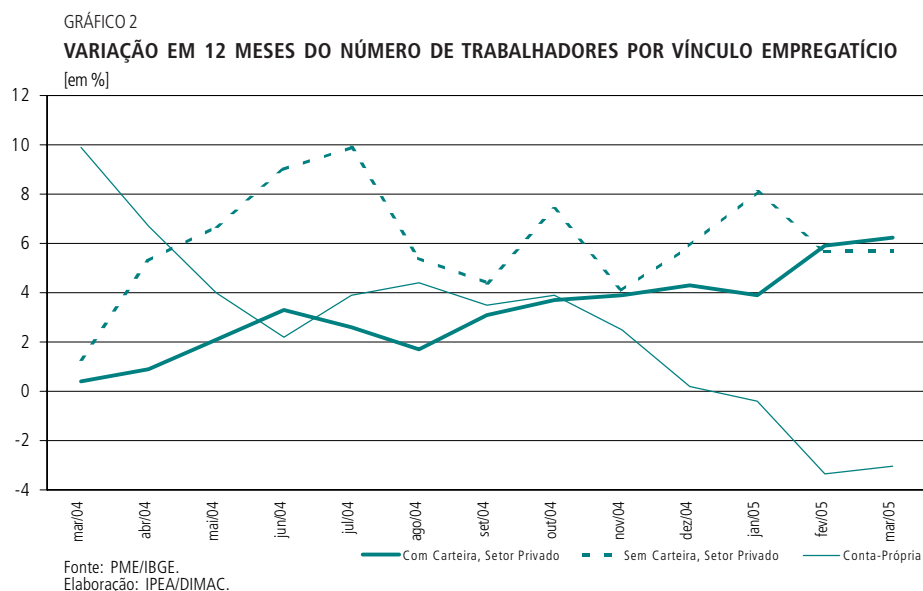
Quando se analisa apenas o setor privado, há desempenho bastante similar ao da variação na ocupação total. Houve somente criação de vagas com carteira assinada (90 mil), paralelamente a uma extinção de 313 mil vagas desprotegidas, e destas, 73%, foram de ocupações sem carteira (229 mil) e 27% de trabalhadores por conta própria (84 mil). Considerando a variação em 12 meses, março foi o mês que acusou, pela segunda vez consecutiva, aumento percentual de vagas formais acima da variação de informais (para o setor privado). Esse fenômeno de criação de empregos formais em velocidade maior que a de informais só aconteceu três vezes em toda a nova PME (novembro de 2004, fevereiro e março de 2005). Deve-se destacar o fato que o início do ano, por suas características sazonais de baixo nível da atividade econômica, não é, normalmente, uma época propícia a contratações com carteira assinada em volume tão expressivo.

Considerando os dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged/MTE), apesar de os resultados de crescimento do emprego formal no primeiro trimestre de 2005 (292 mil novas contratações) terem sido inferiores aos registrados no mesmo período de 2004 (347

TABELA 3
VARIACÃO ABSOLUTA DA OCUPAÇÃO POR VÍNCULOS DO TRABALHO
(em mil)

Períodos	Com Carteira	Sem Carteira	RJU	Conta-Própria	Total ^a
1º Trim./2004	-48	-192	-45	42	-302
2º Trim./2004	141	226	52	-155	370
3º Trim./2004	111	130	51	196	438
4º Trim./2004	144	104	2	-77	140
Total 2004	348	268	60	5	646
1º Trim./2005	126	-258	6	-84	210

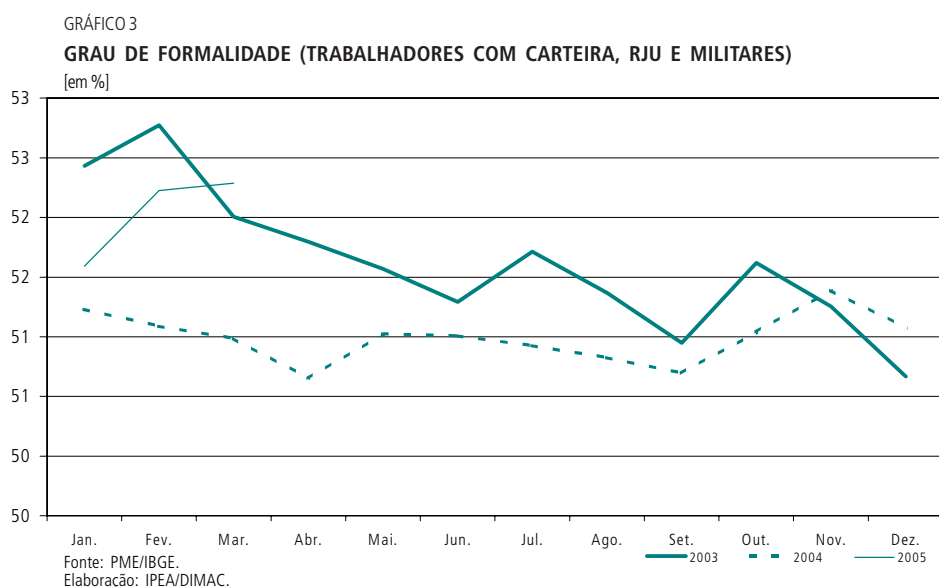
^a Nível de ocupação contando com trabalhadores não remunerados e empregadores.
Fonte: PME/IBGE.
Elaboração: IPEA/DIMAC.



mil), o seu volume pode ser tido como muito bom para um período como esse, indicando a manutenção de um ritmo elevado de criação de vagas. No acumulado em 12 meses esse número está em 1,49 milhão,³ muito acima do registrado em março de 2004 (852 mil).

Com esses movimentos, a participação dos trabalhadores com carteira do setor privado, ante o total de ocupados, se manteve acima da registrada no mesmo período de 2004. O grau de formalidade,⁴ considerando o conjunto do setor privado, governo, conta própria e trabalhadores domésticos, registrou elevação de 51,1% para 52,3% no primeiro trimestre deste ano, evolução essa consideravelmente superior à registrada no mesmo período de 2004 (de 50,7% para 51,1%).

Outra característica muito relevante, e que deve ser monitorada de perto nos próximos meses, é a criação de empregos de melhor qualidade em termos de remuneração. Tem havido certa tendência de maior crescimento das ocupações que proporcionam rendimentos



3. Dados de março de 2005.

4. Conceitua-se aqui como grau de formalidade a soma dos trabalhadores com carteira, militares e RJU (estatutários) dividido pelo número total de ocupados.

acima do salário mínimo do que daquelas que remuneram abaixo desse patamar. Em especial, o primeiro trimestre de 2005 aponta uma evolução ainda mais positiva de empregos que pagam acima do salário mínimo, o que vem a se constituir em mais uma característica alentadora da situação atual do mercado de trabalho. Dos 841 mil empregos a mais na média do primeiro trimestre de 2005, comparando-se com o mesmo período do ano anterior, apenas 338 mil eram empregos sub-remunerados, figura bem diferente da registrada no primeiro trimestre de 2004, quando apenas 325 mil vagas foram criadas em termos líquidos, sendo 560 mil do contingente de sub-remunerados. Essa tendência, a se confirmar, poderá contribuir decisivamente para elevar a média dos rendimentos reais.

Considerando, por sua vez, as características individuais dos trabalhadores, a desagregação da ocupação por gênero apontou um comportamento diferente, de janeiro a março de 2005, daquele ocorrido no mesmo período de 2004. No ano anterior, os homens haviam perdido mais empregos (207 mil) do que as mulheres (95 mil). Em 2005 as mulheres passaram a ser as mais prejudicadas, ou seja, foram elas que mais perderam vagas de trabalho, tendo uma queda de 137 mil no primeiro trimestre, contra uma perda de 68 mil postos de trabalho ocupados por homens. Entretanto, na comparação entre março de 2005 e março de 2004, os homens tiveram uma perda maior e, assim, a participação das mulheres no total da ocupação neste último mês subiu 0,3 p.p.

Em relação à desagregação da ocupação pelos anos de escolaridade dos trabalhadores, o contingente de pessoas que possuem mais anos de estudo, ou seja, 11 ou mais, foi o único grupo que conseguiu ser absorvido pelo mercado de trabalho no primeiro trimestre deste ano. Embora esse movimento tenha ocorrido também no mesmo período do ano anterior, em 2005 o contingente de pessoas com mais estudo que ingressaram no mercado de traba-

TABELA 4
VARIAÇÃO ABSOLUTA MÉDIA DA OCUPAÇÃO
[em mil]

Períodos	Ocupação Total	Sub-Remunerados
1º Trim. 2004/2003	325	560
2º Trim. 2004/2003	569	160
3º Trim. 2004/2003	756	505
4º Trim. 2004/2003	711	507
1º Trim. 2005/2004	841	338

Fonte: PME/IBGE.
Elaboração: IPEA/DIMAC.

TABELA 5
VARIAÇÃO DA OCUPAÇÃO POR ESCOLARIDADE
[variação absoluta em mil]

Período	Varição	Sem Instrução e Menos de 1 Ano	1 a 3 Anos	4 a 7 Anos	8 a 10 Anos	11 Anos ou mais
1º trim./2004	Absoluta	-13	-114	-94	-163	53
	Percentual	-2,4	-9,3	-2,0	-4,5	0,6
1º trim./2005	Absoluta	-11	-85	-62	-161	105
	Percentual	-2,1	-7,3	-1,3	-4,4	1,1

Fonte: PME/IBGE.
Elaboração: IPEA/DIMAC.

lho foi praticamente o dobro (105 mil) ante as 53 mil pessoas daquele ano. Todos os outros contingentes, de pessoas com menor escolaridade, tiveram queda do nível de ocupação. Entretanto, essa queda foi menos acentuada do que a ocorrida no primeiro trimestre de 2004.

O primeiro trimestre de 2005 continuou a apontar queda (de 16,9% ou 9 mil) na ocupação das crianças de 10 a 14 anos de idade, passando de 103 mil crianças ocupadas em março de 2004 para 46 mil em março de 2005 (redução de mais de 50%), dando continuidade à tendência de erradicação do trabalho infantil. Por outro lado, o contingente de pessoas ocupadas de 25 a 49 anos foi o único a registrar elevação (de 31 mil ou 0,2%) nos três meses de 2005.

Em relação à taxa de desemprego, apesar de ter havido elevação da mesma em 1,2 p.p., de 9,6%, em dezembro do ano passado, para 10,8% em março (movimento sazonal de início de ano), esse foi o período em que, nos últimos anos, a taxa de desocupação menos cresceu, sendo a média trimestral mais baixa (10,5%) quando comparada aos mesmos períodos de 2004 (12,2%) e 2003 (11,6%). Com essa evolução, cresce a possibilidade de se chegar à taxa de um dígito antes mesmo de dezembro.

Outro fato positivo do fim do primeiro trimestre⁵ foi a capacidade de absorção de mão-de-obra mostrada pelo mercado de trabalho em março, quando das 192 mil pessoas que entraram (aumento da PEA), 129 mil conseguiram ocupação (uma “taxa de absorção” de 69%). Em março de 2004, das 291 mil pessoas que entraram no mercado de trabalho,

TABELA 6
PIA, PEA E OCUPADOS — TAXAS DE VARIAÇÃO EM 12 MESES
[em %]

Período	PIA	PEA	Total	Empregados do Setor Público	Ocupados		Conta-Própria
					Empregados do Setor Privado		
					Com Carteira	Sem Carteira	
Mar./04	1,8	2,8	2,1	0,7	0,4	1,3	9,9
Abr./04	1,9	3,4	2,7	-0,3	0,9	5,3	6,7
Mai./04	1,9	2,4	3,1	2,5	2,1	6,7	4,0
Jun./04	2,3	2,0	3,4	1,6	3,3	9,0	2,2
Jul./04	2,3	2,6	4,4	6,0	2,6	9,9	3,9
Ago./04	1,9	2,0	3,9	7,6	1,7	5,4	4,4
Set./04	2,0	1,3	3,7	2,8	3,1	4,4	3,5
Out./04	2,0	1,5	4,3	1,2	3,7	7,4	3,9
Nov./04	2,3	1,8	3,5	0,8	3,9	4,1	2,5
Dez./04	2,1	1,9	3,4	0,5	4,3	5,9	0,2
Jan./05	2,4	2,4	4,1	3,8	3,9	8,1	-0,4
Fev./05	2,3	2,1	3,7	3,3	5,8	5,9	-3,3
Mar./05	2,3	1,7	3,9	5,1	6,1	5,9	-2,9

Fonte: PME/IBGE.
Elaboração: IPEA/DIMAC.

5. Quando sazonalmente o mercado de trabalho começa a mostrar sinais de aquecimento.

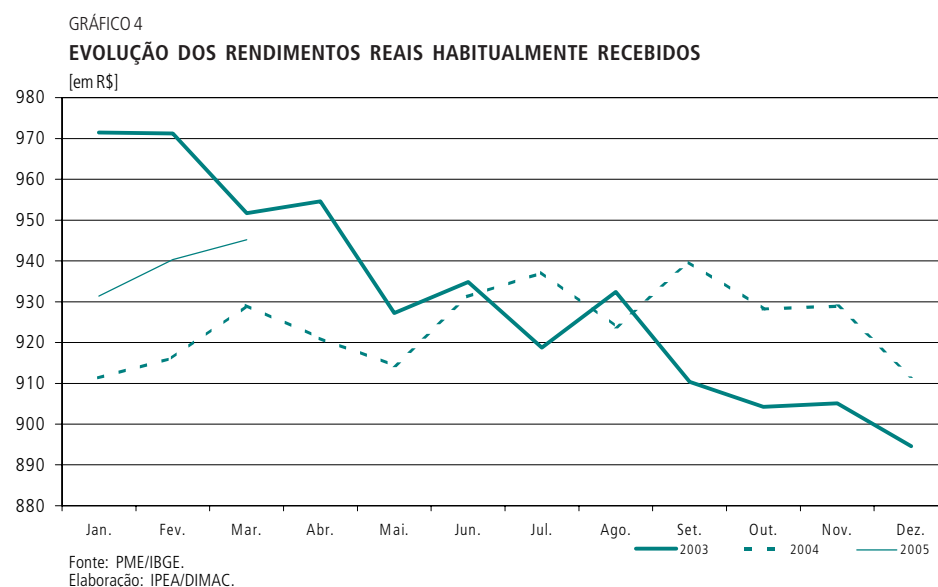
apenas 84 mil foram absorvidas (29%). Com esse aumento da PEA, a taxa de participação das pessoas no mercado de trabalho cresceu muito pouco no primeiro trimestre deste ano (cerca de 0,1 p.p.), ante ao crescimento de 0,3 p.p. no mesmo período de 2004.⁶

Quanto aos rendimentos médios reais habitualmente recebidos, após a interrupção no processo de sua recomposição, havida no final de 2004, os três primeiros meses de 2005 mostraram uma retomada, com elevação de 3,7% ante o quarto trimestre do ano passado. Essa foi a segunda maior variação trimestral da série histórica da nova PME, só perdendo para o mesmo trimestre de 2004, quando houve crescimento de 3,9%.⁷ Contudo, na comparação com o mesmo mês do ano anterior, o aumento dos rendimentos médios reais no mês de março chegou a 1,7%, bem abaixo do que foi registrado em setembro de 2004 (3,2%), quando essa variação em 12 meses registrou o seu maior valor após as fortes quedas verificadas em 2003.

Vale ressaltar que a recomposição dos rendimentos reais médios se dá também pelo crescimento diferenciado da ocupação ao longo da estrutura setorial da economia. Nesse último mês de março, o menor crescimento dos rendimentos médios reais foi certamente muito influenciado pelo aumento da ocupação havida nos serviços domésticos, onde os salários são menores; caso outro setor, como a indústria, de salários mais elevados, tivesse registrado maior crescimento na ocupação, a evolução da média certamente teria sido outra.

A desagregação dos rendimentos médios reais segundo os vínculos da ocupação revela diferentes tendências de recomposição. Os rendimentos reais dos trabalhadores com carteira do setor privado, na média do primeiro trimestre de 2005, contra mesmo período do ano anterior, caiu 1,2%. No mês de março, na comparação com o mesmo mês do ano anterior, esse indicador mostra uma queda de 0,8%. Nessa mesma comparação, todos os meses de 2005 demonstraram variação negativa. Como houve um aumento expressivo de pessoas nesse contingente, é provável que esses trabalhadores tenham entrado, em grande parte, na base da pirâmide salarial, pressionando os rendimentos médios dessa categoria para baixo.

Já a média trimestral dos rendimentos dos trabalhadores sem carteira cresceu 8% na comparação com o mesmo período de 2004. Entretanto, esse grupo se mostra com ganho



6. Considerando a comparação com o mesmo período do ano anterior.

7. Nesse período a base de comparação estava extremamente fraca e os rendimentos reais médios habituais mostravam uma queda de 12,5% em 12 meses, depois da recessão econômica do início de 2003.

TABELA 7
RENDIMENTOS REAIS HABITUALMENTE RECEBIDOS — VARIAÇÃO EM 12 MESES
 [em %]

Meses	Ocupados				
	Total	Setor Público	Setor Privado		Conta-Própria
			Com Carteira	Sem Carteira	
Jan./04	-6,2	-5,6	0,3	-2,1	-8,1
Fev./04	-5,7	-7,6	0,3	-4,8	-4,9
Mar./04	-2,4	-4,2	-0,5	-4,3	2,7
Abr./04	-3,5	-2,2	-2,9	-4,3	3,2
Mai./04	-1,4	-1,8	-0,8	2,6	0,0
Jun./04	-0,4	-2,9	1,1	4,0	-2,5
Jul./04	2,0	-1,2	2,9	1,1	-2,3
Ago./04	-0,9	-1,8	-0,9	-2,9	-0,2
Set./04	3,2	1,2	2,1	0,0	0,0
Out./04	2,6	0,5	1,6	-1,5	6,4
Nov./04	2,6	0,2	0,2	4,4	3,9
Dez./04	1,9	2,5	0,1	4,9	0,7
Jan./05	2,2	4,1	-1,3	9,6	-1,1
Fev./05	2,6	7,1	-1,4	8,0	1,6
Mar./05	1,7	3,7	-0,8	6,4	-2,6
Média 1º trim. 2005/2004	2,2	5,0	-1,2	8,0	-0,7

Fonte: PME/IBGE.
 Elaboração: IPEA/DIMAC.

real de 6,4%, na comparação março de 2005 com março de 2004, sendo inegável o seu peso na recomposição de 1,7% havida nos rendimentos totais da PME no período.

Embora os trabalhadores do setor público tenham, em março, mostrado um ganho de 3,7% na comparação com o mesmo mês de 2004,⁸ na média do primeiro trimestral ante o mesmo período de 2004, a variação dos rendimentos reais habituais chegou a 5%.

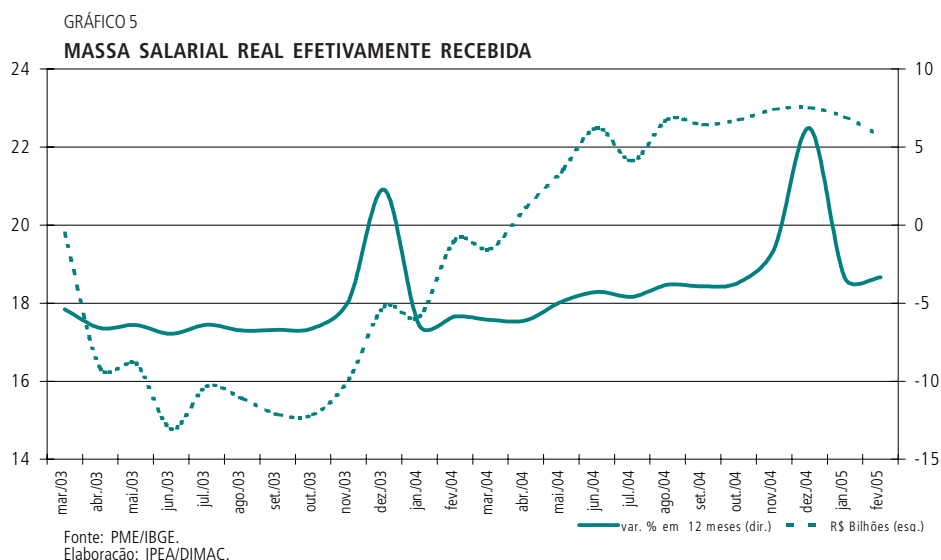
Em relação aos trabalhadores por conta própria, a perda na média trimestral⁹ dos rendimentos ficou em 0,7%. Em março de 2005 houve queda de 2,6% na comparação com o mesmo mês do ano anterior.

A massa salarial real, considerando os rendimentos efetivamente recebidos, mostrou em fevereiro¹⁰ elevação de 5,7%, na comparação com o mesmo mês de 2004, apresentando, assim, desde os 7,5% registrados em dezembro passado, arrefecimento pelo segundo mês consecutivo. Todavia, o crescimento desse indicador deverá se manter em nível elevado, uma vez que não se espera nenhum retrocesso nem na ocupação nem nos rendimentos reais.

8. Dados de março.

9. Em relação ao mesmo trimestre de 2004.

10. Último dado disponível.



Dada a evolução desse conjunto de indicadores, pode-se dizer que, considerando-se as características sazonais do período, o mercado de trabalho evoluiu positivamente nesse início de ano, com destaque para a melhoria da qualidade dos novos postos de trabalho, tanto no que se refere à natureza dos seus vínculos, como em termos das remunerações a eles associadas. O crescimento de vagas de melhor qualidade promete ser, assim, uma das características marcantes do mercado de trabalho em 2005.

Dessa forma, o mercado de trabalho parece não ter sentido ainda os impactos da desaceleração apontada por alguns indicadores do nível de atividade, na esteira do processo de elevação da taxa de juros que começou em setembro do ano passado. Contudo, a se confirmar essa inflexão, tal impacto deverá, mais cedo ou mais tarde, se refletir na evolução da ocupação, com todas as seqüelas que a diminuição do ritmo de criação de empregos traz para os demais indicadores do mercado de trabalho.